

Estrela vermelha: **reflexões a partir da obra** **de Alexander Bogdánov**

Bruno Fabri

Doutorando em Comunicação e Cultura (UFRJ).

E-mail: bfabri80@gmail.com





1. Um outro bolchevismo?

O polímata¹ Alexander Bogdánov² – nascido Alexander Malinowski, em Sokólka, no ano de 1873, localidade então pertencente ao Império Russo, hoje parte da Polônia – surge no contexto pré-revolucionário russo (última década do século XIX) antes mesmo das outras três grandes e populares “estrelas vermelhas”, Lênin, Trótski e Stálin, que despontariam crescentemente apenas depois do Levante de 1905. Bogdánov, inicialmente, fazia parte de um grupo de ativistas e intelectuais considerados “populistas”, os “Narodniks”, algo como “educadores”, vistos em geral, à época, como “agitadores políticos” (tanto pelo governo quanto pela nascente esquerda russa), e que tinham como meta a alfabetização, a politização e a disseminação do conhecimento (de *todo* o conhecimento possível) entre os camponeses e operários russos, liberados de suas obrigações servis em relação aos príncipes das glebas de terras do vastíssimo Império Russo e que, aos poucos, ocupavam as cidades por conta da modernização (ou da “europeização”) da Rússia. Tal mudança vinha de forma lenta e gradual desde os tempos da czarina Catarina, a Grande, como tudo o mais que acompanhou este cambaleante movimento de “reforma” de um Império ainda predominantemente medieval em pleno século XIX (ao menos até a década de 1860, com a abolição da servidão dentro do território russo) rumo a uma industrialização “forçada”, e pré-revolucionária. Através de escolas informais localizadas em células que ficavam longe do “radar” da nascente burguesia e da nobreza irremediavelmente despótica, os Narodniks estavam formando “mujiques”³ com algum grau de instrução, ao menos o suficiente para não serem feitos de

¹ “Aquele que estuda ou sabe muitas ciências” de acordo com a acepção termo que consta no **Novo Dicionário Aurélio Século XXI**, p. 1597. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999). O exemplo mais notável de polímata é Leonardo da Vinci que tem sua trajetória marcada pelas mais diferentes áreas do conhecimento de sua época.

² Neste texto optamos deliberadamente por utilizar “Alexander” ao invés de “Aleksandr”, que seria a transliteração mais ou menos exata do prenome de Bogdánov em cirílico, por uma questão de certa forma prática e ao mesmo tempo um tanto estética: preferimos “latinizar” um nome que possui uma fonética bem complicada para nós, falantes do português brasileiro. Tal “autorização” neste sentido nos é dada pela quantidade enorme de transliterações do alfabeto cirílico, muito diferentes entre si mundo afora, nas línguas que se utilizam do alfabeto latino: não existe uma forma consagrada de transliteração do russo (e de outras línguas e dialetos próximos da língua russa).

³ Denominação tradicional para o camponês russo.

tolos perante as novas relações de trabalho e *com* o trabalho em si mesmo: não apenas o aprendizado de uma “consciência de classe”, mas – sobretudo – um conhecimento global de todo o processo fabril e político, além da *vida* mesma como um todo.

A industrialização do Império necessitava de um grande aporte de recursos estrangeiros que, aos poucos, começou a criar uma ainda pequena, mas significativa classe operária através, também, da “importação” de novíssimas ideias que vinham como que em bloco junto com o maquinário industrial. Bogdánov foi, dentre outras coisas, professor por ofício e vocação, além de filho de educadores. Travou contato com a obra de Karl Marx ainda na década de 1890, já na cidade de Vologda, localizada a mais ou menos quatrocentos quilômetros ao norte de Moscou. Sua estadia em Vologda fora forçada, como forma de punição por suas atividades educacionais consideradas “ilegais”, como aconteceu com os demais Narodniks. Não chegou a sofrer um expurgo por parte do Império, mas uma forma de minorar a influência de Bogdánov (e de seus outros colegas educadores) entre os iletrados trabalhadores de Moscou. Era este “exílio” ou a prisão. Mas o efeito de sua temporada em Vologda teve um resultado inverso: o que era para ser uma punição transformou-se em encontros. Com pessoas, com ideias e com novas perspectivas para o futuro. Lá, Alexander – dentre outros – conheceu Anatoly Lunatcharsky, cuja amizade e afinidade intelectual se desdobrou no que certamente é o maior movimento “multiartístico” que o século XX testemunhou: o Proletkult.⁴ Mas seu encontro com a obra marxiana certamente foi a sua atividade mais marcante em Vologda, visto que Bogdánov leu e em seguida coordenou a tradução dos três volumes de *O capital* para o russo bastante rapidamente.⁵ Esse “círculo de Vologda”, salvo engano, foi o

⁴ Acrônimo, em russo, para “cultura proletária”. O Proletkult foi uma “resposta” à Revolução de 1917 no campo cultural e mesmo “educacional”, mas uma resposta bem afeita ao ideário de Bogdánov e de seu círculo de intelectuais criado em Vologda. Um ideário que passa pelo acesso irrestrito ao conhecimento pelo ainda nascente proletariado soviético. O Proletkult durou relativamente pouco tempo: entre a morte de Lênin (1924) e o início dos expurgos stalinistas (início da década de 1930). Anatoly Lunatcharsky foi um dos expurgados e mortos nos gulags (campos de trabalhos forçados na Sibéria, para onde foi quase toda a vanguarda revolucionária de 1917). Mas antes dos expurgos, Bogdánov faleceu, em 1928, vítima de um de seus experimentos médicos independentes que envolvia o pioneirismo nas técnicas de transfusão de sangue.

⁵ A tradução de *O capital* liderada por Alexander Bogdánov foi a edição “standard”, oficial, da principal obra marxiana na União Soviética.



primeiro grupo de estudos russo a travar contato com a obra magna de Marx ainda direto do texto original em alemão. As consequências advindas disso são, até hoje, vertiginosas, basta olharmos para a história do século XX.

Bogdánov, desde o início, foi um vitalista (e sua obra nos mais variados campos do conhecimento são a prova disso), porque era um materialista à sua maneira, em contraposição à “moda” do niilismo entre os jovens russos contemporâneos dele. As obras de Fiódor Dostoiévski e de Ivan Turguêniev dão conta muito bem, através de seus romances, desse aspecto muito perigoso entre grande parte jovens mais instruídos da segunda metade século XIX russo, que degeneraria em atentados, assassinatos e em grupos ditos “revolucionários”, e que tinha correndo nas veias a pulsão de morte: encarnações reais de Raskólnikov⁶, de Bazárov⁷ e de tantos outros personagens limítrofes. Mais tarde, esse mesmo niilismo mudaria de “cor” e de discurso, fazendo de Alexander Bogdánov uma de suas vítimas políticas extemporâneas.

Alexander já possuía um sofisticado domínio técnico, político e revolucionário antes mesmo do surgimento da vanguarda do Partido operário social-democrata russo (POS DR), conhecido como “bolcheviques”. Talvez o mais radical entre todos os membros da facção que incluiria, um pouco mais tarde, Vladimir Lênin e Leon Trótski. Segundo McKenzie Wark⁸, Bogdánov era responsável pela “captação” de dinheiro para fins revolucionários, ou seja, roubo a bancos, o que os bolcheviques chamavam eufemisticamente de “expropriação de recursos”. E dentre esses “expropriadores”, sob a coordenação de Bogdánov, estava um certo Iosif Vissarionovich Dzhugashvili: Stálin, ele próprio.

⁶ Personagem de *Crime e castigo* (1866), de Fiódor Doistoiévski.

⁷ Personagem de *Pais e filhos* (1862) de Ivan Turguêniev. Acredita-se que o autor russo, que morava em Paris, seja o criador do termo “niilismo”, pois ela foi empregada pela primeira vez, justamente, no romance de 1862 pra descrever as “qualidades” de Bazárov, um estudante universitário, assim como Raskólnikov também era.

⁸ WARK, McKenzie. **Molecular Red: Theory for the Anthropocene**. Nova York & Londres: Verso, 2016, p. 5.

Entre Lênin e Bogdánov não existia propriamente uma amizade, mas um breve alinhamento político, uma aliança temporária. Eles não se entendiam no que concerne ao futuro da revolução, como veremos mais a frente. Porém, durante o exílio de Vladimir Lênin, Alexander Bogdánov teve um papel de enorme destaque na Revolução de 1905 que acabou por ser derrotada pelo czarismo, mas que tornou bem plausível a possibilidade de uma revolução vitoriosa num futuro a curto ou médio prazos, verdadeiramente inaugurando um ciclo revolucionário, cujo o ápice se deu no ano de 1917. Representante de Lênin (então exilado na Suíça) entre os soviets de São Petersburgo, Bogdánov foi responsável pela “máquina de guerra” dos bolcheviques, um dos mentores de um “centro técnico-militar”. Um dos “expropriadores” de recursos e eminente ativista bolchevique, Simon Arshaki Ter-Petrossian, conhecido como Kamo, teceu elogios a seu líder durante as lutas de 1905, ressaltando seu conhecimento enciclopédico e prático aplicado à guerrilha. “Krasin⁹ me apresentou um grande homem. Juntos, eles (Krasin e Bogdánov) criaram um centro técnico-militar para os bolcheviques. Logo se vê que este homem conhece tudo. Ele escreve livros universitários, ele faz bombas e dinamites. Ele também cuida de feridos, entende? Como um médico.”¹⁰ – Apesar de Bogdánov nunca ter se formado em medicina, ao menos à maneira clássica.

Após o surto revolucionário de 1905, Alexander Bogdánov foi preso e exilado. Fora da Rússia também estava o escritor Maxim Górkki que morava na ilha de Capri, na Itália: um notório simpatizante do bolchevismo e, mais tarde, um dos formuladores do “realismo socialista” nas artes durante a ditadura de Josef Stálin. Ali, Bogdánov deu continuidade ao seu “elã” educacional, que agora consistia em formar e informar jovens revolucionários fora da Rússia. Junto com Górkki, Bogdánov criou um centro de formação de ativistas para os mais novos atuarem dentro dos domínios do Império, já bastante enfraquecido por conta dos conflitos contra as novas forças políticas de oposição e de

⁹ Leonid Krasin, engenheiro e militante bolchevique. Mais tarde tornou-se diplomata da União Soviética.

¹⁰ WARK, 2016, p. 5. Tradução nossa para: “Krasin introduced me to a great man. Together they run the military-technical center for the Bolsheviks. You must understand that this man knows everything. He writes scholarly books, he makes bombs and dynamite. He also treats patients, you know, as a doctor.”



contradições que roíam por dentro a realeza russa. Mas tal iniciativa começou a fracassar, pois a polícia política do Império descobriu essa “universidade da revolução” que operava fora da Rússia. Os aprendizes a revolucionários mal chegavam ao país e já eram arrastados para as prisões.

Capri também foi testemunha de diversos encontros entre Lênin e Bogdánov. E tais encontros eram muito interessantes, a ponto de atraírem grupos numerosos de russos, asilados ou não, na Europa por dois motivos: as disputadas partidas de xadrez entre os dois bolcheviques e as acaloradas discussões políticas e filosóficas que os colocavam em oposição o tempo todo. À época, depois de 1906, já havia um consenso quanto à orientação teórica para a revolução, o “marxismo”, que viria a se *instituir* como um campo de estudos autônomo, inclusive em relação à obra do próprio Karl Marx (e de Friedrich Engels). Tal consenso tomava como base a interpretação de *O capital* e dos demais livros a partir de uma torção (para a esquerda) da influência do historicismo hegeliano na obra de Marx e de Engels, com o beneplácito deste último ainda em vida. A linha histórica irremediavelmente progressiva, advinda de conflitos mortais e por vezes genocidas, seria o motor dos acontecimentos históricos: as assim chamadas “lutas por emancipação”. Para Bogdánov, o historicismo é natimorto, posto que ele tem como carro-chefe a razão (ou a racionalidade): pura abstração. O termo “materialismo dialético” não passava de um oxímoro¹¹: é praticamente impossível e intelectualmente inadmissível misturar um idealismo de origem alemã – mas agora com “feições” de esquerda – com as lutas reais em meio às coisas e às pessoas, sobretudo na Rússia. Derivado da institucionalização do marxismo, era natural – para Lênin – tomar o poder na Rússia através de brechas democráticas, ou seja, brechas instituídas visando um “quase-nada” de democracia – ou melhor: uma miragem democrática – para o “populacho” do Império “ver”. Oportunidade fugaz para que o POSDR conseguisse criar uma oposição com alguma força na Duma.¹² Bogdánov não nutria a menor simpatia por esta forma de

¹¹ Figura de linguagem que une dois termos opostos entre si.

¹² O parlamento russo.

tomada do poder que degeneraria, em breve, num novo império no lugar do antigo, encerrado numa institucionalidade que encara as massas (as pessoas) como um mero “ator” social e político, lhe conferindo uma instrumentalidade de natureza tática visando a tomada do poder por uma outra elite; em nada a ver com uma concepção de revolução que atingisse o cerne mesmo da dimensão material do mundo. Um Estado sendo deposto para dar lugar a um outro Estado, tão burocrático e antidemocrático quanto o anterior. Por isso, Bogdánov não era favorável à disputa pelo parlamento da Rússia imperial, mesmo que isso pareça contraditório. As revoltas e a revolução deveriam continuar sendo financiadas pelas expropriações e pela disseminação incessante do conhecimento, colocada à disposição do proletário de forma absolutamente livre e sem mistificações, justamente para que ele deixasse de ser um triste “devir-escravo” que é constituinte, desde a raiz, da ideia (ou do ideal) de “trabalhador”, não importando se é do âmbito do capitalismo ou do socialismo.

Bogdánov é adepto do materialismo “antimetafísico” e por isso mesmo “antidogmático” do físico e filósofo austríaco Ernst Mach, para quem “o conhecimento é criado pelo homem e para o homem (...) [e por isso] as sensações são o único meio para cria-lo”.¹³ Essa “tomada de posição” o levou a escrever um dos primeiros tratados sobre economia política de inspiração marxiana, além de dois livros de ficção: *Estrela vermelha* (1908) e *Engenheiro Menny* (1912) ambos “ambientados” em Marte, e que contém muitas das ideias materialistas e libertárias de Bogdánov. Vladimir Lênin chegou a ter o “desprazer” de ler *Estrela vermelha*, a primeira ficção de Alexander Bogdánov. Acusado de ser um “machista”¹⁴, por Lênin, sua participação política na vanguarda bolchevique fora vetada ad aeternum pelo líder máximo da Revolução Russa: a partir de então, Bogdánov deixava de atuar politicamente dentro do partido, perdendo também a “chave do cofre” das expropriações: talvez o verdadeiro pomo da discórdia oculto nesse

¹³ MACH, Ernst. **História e raízes do princípio de conservação de energia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 25.

¹⁴ Este termo, em nosso contexto, deve ser lido como “marrista”, pois assim como, por exemplo, Bach, o “ch” de Mach é aspirado, assim como o “j” ou o “g” castelhano ou como o “rr” do Rio de Janeiro e do Nordeste.



rompimento definitivo. Expulso das hostes do bolchevismo, Alexander Bogdánov considerou a possibilidade de se suicidar dado o enorme desgosto provocado por tal exclusão, certamente exagerada, haja vista a contribuição até então irrestrita de Bogdánov à causa revolucionária, sempre na vanguarda dentro do POSDR e entre os mais radicais bolcheviques, que, a partir de então, tomaram para si uma orientação política inabalável e única (o marxismo), posto que, a partir de então, ela se tornou uma instituição.

2. Adeus, Lênin!

Olhando por um outro prisma, a ruptura entre os dois bolcheviques se deu, também, por conta de conflituosos irreconciliáveis de pontos de vista que finalmente se chocaram. A concepção vitalista de Bogdánov, abriu um franco confronto com um certo “delírio niilista” de Vladimir Lênin e de toda uma geração contemporânea a eles e da maior parte dos bolcheviques: os então jovens russos das duas últimas décadas do século XIX. Politicamente, se renunciou a uma transformação social realmente profunda em nome de ideais, veiculados por palavras e frases de efeito que nunca se realizaram inteiramente e nem sequer jamais se realizariam na ordem das coisas. Com certeza, Lênin era inteligente demais para não ter consciência disso, mesmo que fosse apenas em sua intimidade mais recôndita; e seu niilismo decorre justamente dessa distopia disfarçada astuciosamente em utopia, para si mesmo, e que ele teve a “coragem” histórica de universalizar, tanto na teoria quanto na prática, demonstrando um descompasso, um desmesuramento aberrante entre ações e pensamentos, do qual o século XX foi testemunha. A distopia do sempre-igual, da eternidade tirânica do Estado, da razão irmanada à burocracia e à violência (real) decorrente desses fantasmas que ora encarnam, ora desencarnam em aparelhos de Estado. O niilismo de Lênin acabou por expulsar Bogdánov do POSDR quase como um gesto natural e mesmo *necessário* para o destino de ambos.

Em *Estrela vermelha* Alexander Bogdánov definitivamente dá adeus a Lênin ao criar, literariamente, uma concepção muito original de uma organização social e política

que tem em Marte e nos marcianos a metáfora de uma sociedade avançada, porque aprendeu com a calamidade e com a escassez de recursos provenientes de erros cometidos num passado do planeta vermelho. Planeta desde sempre mais pobre em termos de “natureza”, se comparado à Terra, posto que aqui a incidência de raios solares é bem mais intensa, além de ser um astro maior e mais rico geologicamente. Esses fatores “naturais” incidem diretamente na fisionomia da humanidade marciana: hominídeos de olhos grandes, saltados para fora como corujas, por conta da incidência solar mais escassa de Marte; além de mais magros, e com a cabeça um pouco maior. Parece a descrição de personagens extraterrestres criados por Steven Spielberg, mas imaginados antes por Alexander Bogdánov com, pelo menos, setenta anos de diferença. Além disso, encontramos em *Estrela vermelha* algumas descrições de fenômenos físicos e astrofísicos que hoje são realidade, exceto, talvez, apenas pelo éter e pela “matéria de tipo negativo”¹⁵ que anulava os efeitos da gravidade: uma invenção ficcional bogdanoviana. Entre tais fenômenos, hoje plenamente observáveis e experimentados, estão a microgravidade do espaço, que faz os corpos flutuarem durante uma viagem através do sistema solar, o tempo estimado para se chegar em Marte (seis meses) e a gravitação diferente do planeta vizinho, o que torna perigosa uma dinâmica de aproximação de um veículo estelar, além, claro, de uma atmosfera mais rarefeita do que a da Terra.

Marte, em tempos de outrora, era banhado por enormes oceanos, mas que com a ação dos marcianos, ainda em sua “infância” como sociedade, foi erodindo e secando por conta mesmo da forma predatória com que a natureza do planeta foi sendo explorada por sua humanidade. Os acontecimentos da história de Marte chegam ao personagem principal (e narrador da história) através de informações, como uma autêntica etnografia, mas uma etnografia extraterrestre que tem, em Menny, um engenheiro marciano, o seu primeiro informante. Menny, um E.T. disfarçado de terráqueo, que literalmente “tirou a carapuça” logo no início da narrativa, revelou a verdadeira identidade e a origem para o narrador após o rompimento deste com os laços de afeto e de amizade restantes que ele

¹⁵ BOGDÁNOV, Aleksandr. *Estrela vermelha*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 36.



ainda nutria em nosso planeta. No julgamento dos marcianos, o personagem-narrador terráqueo (cujo nome nos é sonogado no romance) tinha um amadurecimento intelectual suficiente para entender os novos e assombrosos fenômenos cosmológicos, além de uma aguçada compreensão e inconformismo em relação às dinâmicas sociais, ainda muito primitivas, da humanidade terráquea. Menny lhe revelou alguns segredos e descobertas científicas e sociais muito avançados para a compreensão de qualquer humano da Terra, exceto, talvez, para o narrador mesmo, que parece ser inteiramente inspirado no próprio autor do breve romance. O engenheiro marciano deu como um dos exemplos da avançadíssima ciência marciana, a descoberta da radioatividade, muito tempo antes dos esforços de Marie Curie e de outros cientistas da Terra. “Nós descobrimos os elementos irradiantes e sua distribuição bem antes de Curie e Ramsey, e nossos camaradas conseguiram levar a análise da composição da matéria bem mais adiante e mais a fundo”.¹⁶

3. Conhecimento como *hacking*

Mas os aspectos científicos e tecnológicos com que Menny abastece o narrador é tratado com o maior sigilo possível em relação às outras pessoas na Terra, a começar pela namorada do personagem principal, uma ativista de nome Anna Nikoláievna. A moralidade de Anna se chocou com as convicções libertárias e vitais do personagem principal: movimentos um tanto ilustrativos que remetem, sub-repticiamente, à briga entre Bogdánov e Lênin: “Para a revolução, ela tinha ido sob a bandeira do dever e do sacrifício; já eu sob a bandeira da livre vontade” e continua da seguinte forma:

Ao grandioso movimento do proletariado, ela aderiu como uma moralista, que encontra prazer em sua moralidade superior; já eu como um amoralista, que simplesmente ama a vida, deseja o seu florescimento superior e, por isso, ingressa na corrente que encarna o principal caminho da história em direção a esse florescimento. Para Anna Nikoláievna, a ética proletária era sagrada por si só; já eu considerava que se tratava de um artefato útil, necessário à classe trabalhadora em sua luta, porém

¹⁶ BOGDÁNOV, 2020, p. 35.



transitório, *assim como essa própria luta e o modo de vida que a engendrou*.¹⁷

Só depois do momento em que o narrador se vê livre das relações sociais, simbolizada pelo rompimento algo “ontológico” com a namorada, que Menny se revela, assim como o personagem principal, que também se desnuda ao leitor. Depois desta sequência de revelações é que Menny e o “camarada terráqueo” embarcam na “eteronave”¹⁸ em direção a Marte.

Ao chegarem no planeta vermelho, depois de cruzarem o éter entre a Terra e Marte, o narrador compreende, não sem muito esforço, a organização social de um planeta que descobriu o verdadeiro socialismo depois de seguidas catástrofes: guerras e disputas por recursos naturais, seguidas por desastres climáticos. O fim iminente da humanidade marciana estava em curso, pois ela não tinha amadurecimento o suficiente para equilibrar conhecimento técnico e científico e uma mudança social aprofundada, exigida pelas novas tecnologias e descobertas científicas. Por isso, o extremo cuidado de Menny ainda no planeta Terra, sobre certos conhecimentos, que de tão avançados, não caísse em mãos de pessoas socialmente ainda muito longe de um amadurecimento intelectual global, que incluísse prioritariamente as relações humanas.

Acreditávamos que seria muito perigoso publicar nossas descobertas científicas enquanto a maioria dos países permanecem sob governos reacionários. E você, como um revolucionário russo, deveria concordar conosco mais que ninguém. Veja como seu Estado asiático usa os meios de comunicação e de extermínio europeus para oprimir e erradicar tudo o que vocês têm de vivo e progressista. Ou seria muito melhor o governo daquele país semifeudal, semiconstitucional, cujo trono é ocupado por um tolo tagarela beligerante dirigido por nobres trapaceiros?¹⁹

¹⁷ Idem, p. 30. Grifos nossos.

¹⁸ A designação “eteronave” para o veículo espacial que os levará para Marte, tem origem no termo “éter”: acreditava-se que o espaço era composto por esta substância.

¹⁹ Ibidem, p. 35.



Eis que chegamos a um impasse, o mais importante até aqui. O percurso de Marte em direção a uma sociedade harmoniosa, mas que ao mesmo tempo não recusa as contradições e os impulsos humanos, conta uma história terrivelmente conturbada que levou os marcianos ao debacle climático, *e sem ponto de retorno*. A evolução técnica, à época de Bogdánov (início do século XX) não tinha freios, assim como a corrida informacional de nosso tempo. A tragédia social marciana levou a um “Marsforming” de Marte. Marsforming no sentido de um esgotamento completo dos recursos vitais, a desertificação do planeta que, ao menos na ficção, era um lugar rico em recursos naturais antes das guerras. As convulsões sociais do século XX que se seguiram à obra de 1908, “marteformataram” parcialmente a Terra. Guerras com um poder de destruição absoluta, representada pela devastação das bombas atômicas, as táticas de “terra arrasada” que destruíram parte da Ucrânia e da Rússia para impedir o avanço das forças nazistas sobre a União Soviética, além do “conceito” de “Guerra Total” dos nazifascistas moldaram a marteformatação de diversos pontos do planeta, que também foi palco de experimentos bélicos sem precedentes, jamais usadas em guerras reais (como o famoso “Czar Bomba” que destruiu o arquipélago de Nova Zembla, no Polo Norte siberiano). Walter Benjamin disse certa feita que a técnica exige o seu lugar no ordenamento social. E se a sociedade não a emprega de forma madura, ela, a técnica, se impõe através da guerra.

O deflorestamento, a exploração de recursos minerais, são frutos de uma minoridade intelectual de nossas sociedades que sempre usam de figuras de linguagem da guerra para justificarem a destruição da Terra. Seja pendendo mais para o socialismo, seja para o livre-mercado, a narrativa da destruição é representada por termos como “front”, a “última fronteira”, “a busca pela liberdade”, “a vitória do homem sobre a natureza”, “heroísmo” etc. A estupidez da guerra em curso atualmente dá bem a medida de nossa regressão neste século XXI e a sequência nunca antes vista de catástrofes, naturais ou não, nos alerta sobre um ponto de não retorno, que talvez já tenha sido transposta.

Resta-nos o conhecimento global de todo o sistema da Terra, num esforço social e científico que leve a um “Terraforming”, uma forma de *hackear* o empobrecimento

acentuado e aparentemente irrecuperável de recursos naturais na superfície de nosso planeta. Em *Estrela vermelha*, Marte se terraformou, mas não sem um enorme esforço humanitário no sentido do conhecimento generalizado. A “lente” bogdanoviana se mostra mais útil do que nunca, neste momento em que o narcisismo parece ter atomizado de vez nossas comunidades no que concerne às relações humanas.

Referências bibliográficas

BOGDÁNOV, Aleksandr. **Estrela vermelha**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DISCIPLINA FCF 836 (UFRJ). **Tectológicas 1**: organização, economia e experimentação política. <<https://www.tectologicas.com/>>. Último acesso em 25 de abril de 2022.

MACH, Ernst. **História e raízes do princípio de conservação de energia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

WARK, McKenzie. **Molecular Red**: Theory for the Anthropocene. Nova York & Londres: Verso, 2016.